



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM
ESPAÑHOL**

ALINE DE OLIVEIRA SANTOS

**A IMAGEM DA MULHER NA OBRA DE MADAME BOVARY E DE PEPITA
JIMENEZ**

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

ALINE DE OLIVEIRA SANTOS

**A IMAGEM DA MULHER NA OBRA DE MADAME BOVARY E DE PEPITA
JIMENEZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras, com Habilitação em Espanhol, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção da grade de licenciatura em Letras/Espanhol.

Orientador: Prof. Alessandro Giordano

CAMPINA GRANDE – PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237i Santos, Aline de Oliveira.

A imagem da mulher na obra de Madame Bovary e de Pepita Jimenez [manuscrito] : / Aline de Oliveira Santos. - 2017.

34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Alessandro Giordano, Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC."

1. Análise literária. 2. Realismo. 3. Romantismo. 4. Mulher.
5. Sociedade - Século XIX.

21. ed. CDD 801.95

ALINE DE OLIVEIRA SANTOS

A IMAGEM DA MULHER NAS OBRAS MADAME BOVARY E PEPITA JIMÉNEZ

Artigo apresentado ao curso de Graduação em Letras/Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras/Espanhol.

Aprovado em: 11 / 12 / 2017

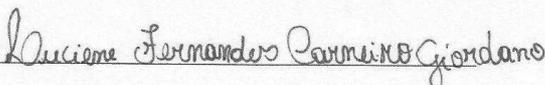
Orientador: Prof. Me. Alessandro Giordano

BANCA EXAMINADORA



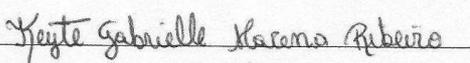
Prof. Me. Alessandro Giordano (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Esp. Luciene Fernandes Carneiro Giordano

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Keyte Gabrielle Macena Ribeiro

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média: 7,3

CAMPINA GRANDE. PB

2017

Dedico

A Alice que esta por vir, meu grande amor.

AGRADECIMENTOS

Já dizia Cora Carolina “mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobrir, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir”, o decidir fala muito sobre o começo, o meu começo, as decisões que tive que tomar para chegar aqui e nada seria tão perfeito se não fosse o meu Deus que não deixou eu desistir estando sempre do meu lado, a ele devo eternas gratidões.

Sou grata ao meu esposo e amigo Rodrigo que sempre acreditou em mim, ele foi o maior incentivador, o que me fez dá os primeiros passos na vida acadêmica, agradeço a ele pelas vezes que me desnorteei, cansada do trabalho, sem animo para estudar e entender as leituras, as muitas vezes que ele leu textos sem ser de sua área para me clarear as idéias.

Não deixarei de agradecer a minha querida mãe, meu grande amor, na qual sigo minha caminhada da vida me espelhando em eu caráter e doçura.

Não poderia deixar de agradecer as minhas amigas, Laís Regina, Juliana santos, Mikaele Barbosa, pelo conhecimento compartilhado, por estarem presentes diariamente nessa jornada, e a minha dupla de vários trabalhos acadêmicos Mikaelson Matheus por me ajudar em muitas vezes que precisei, por toda dedicação.

Agradeço também a aqueles que estiveram comigo durante essa jornada, me incentivando a continuar Luciene carneiro e Keyte Gabriele, pela dedicação o qual levam a docência.

Ao meu querido orientador que tenho como exemplo, quero agradecer principalmente por sua paciência, por mostrar que acredita no meu potencial, pelas varias vezes que iniciou suas aulas com sorriso no rosto nos deixando encantados por tanto conhecimento passados, com tanta facilidade, agradeço por todas as suas instruções.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	11
1.1 O REALISMO	11
1.2 CRÍTICA AO ROMANTISMO	13
CAPÍTULO II	16
2.1 GUSTAVE FLAUBERT	16
2.2 JUAN VALERA	17
CAPÍTULO III	18
3.1 A OBRA – MADAME BOVARY (1857)	18
3.2 A OBRA- PEPITA JIMENEZ (1874)	19
CAPÍTULO IV	20
4.1 PERFIL DE EMMA BOVARY	20
4.2 PERFIL DE PEPITA JIMENEZ	25
CAPÍTULO V	27
5.1 A MULHER NA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX E ATUAL	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

RESUMO

Este trabalho apresenta uma leitura das obras *Pepita Jimenez (1874)* de Juan Valera escritor espanhol, crítico, político e diplomata, era um homem culto e refinado, começou como um teórico da literatura com *Ensaio Literários* um livro que foi inteiramente destruído, escrevia também contos e romances serializados e *Madame Bovary (1857)* de Gustave Flaubert autor com uma observação rigorosa e objetivada na realidade transmitindo em sua obra os traços do realismo. Flaubert teve uma vida complicada tanto do lado sentimental como em relação a sua saúde que também foi abalada, burguês, porém crítico teve que conviver com os erros da sociedade não deixando de enfatizar tais fatos em sua obra que publicada em 1857 na França. A obra é considerada a mais importante do movimento realista, e por expor os costumes que a sociedade tinha, Flaubert foi processado sob a acusação de ofensa a moral e a religião. Destacarei como a mulher era vista e qual sua função dentro da sociedade do século XIX e alguns avanços históricos atuais, através de uma análise literária resumida enfatizando o protótipo feminino. Iniciarei com um estudo sobre o realismo e o romantismo estudados nas obras, e será feita uma sintética análise. Finalmente, concluirei com um estudo sobre a relação da mulher nas obras, a influência política econômica e social e também religiosa para entendermos os costumes que a sociedade idealizava.

Palavras-Chave: Obra, imagem, mulher.

RESUMÉN

En este trabajo presenta una lectura de las obras *Pepita Jiménez* (1874) de Juan Valera escritor español, crítico, político y diplomático, era un hombre culto y refinado, comenzó como un teórico de la literatura con *Ensayos Literarios* un libro que fue enteramente destruido, escribía también cuentos y romances serializados y *Madame Bovary* (1857) de Gustave Flaubert autor con una observación rigurosa y objetivada en la realidad transmitiendo en su obra los rasgos del realismo. Flaubert tuvo una vida complicada tanto del lado sentimental como en relación a su salud que también fue sacudida, burguesa, pero crítica tuvo que convivir con los errores de la sociedad no dejando de enfatizar tales hechos en su obra que publicada en 1857 en Francia. La obra es considerada la más importante del movimiento realista, y por exponer las costumbres que la sociedad tenía, Flaubert fue procesado bajo la acusación de ofensa a la moral y la religión. Destacar como la mujer era vista y cuál era su función dentro de la sociedad del siglo XIX y algunos avances históricos actuales, a través de un análisis literario resumido enfatizando el prototipo femenino. Comenzaré con un estudio sobre el realismo y el romanticismo estudiados en las obras, y se hará un análisis sintético. Finalmente, concluiré con un estudio sobre la relación de la mujer en las obras, la influencia política económica y social y también religiosa para entender las costumbres que la sociedad idealizaba.

Palabras clave: Obra, imagen, mujer

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar as obras *Pepita Jimenez* e *Madame Bovary* dos autores Juan Valera e Gustave Flaubert. Tais obras tiveram grande importância para a sociedade, ambas tinham traços realistas. *Madame Bovary* critica os costumes da sociedade voltados ao feminino. A educação transmitida a elas, restringido-as para atividades úteis ao ambiente doméstico, tornando-se instrumentos ideológicos tanto no âmbito social, econômico como no religioso, totalmente dependentes dos ideais femininos. *Pepita Jimenez* conta a história de um jovem que estuda para ser sacerdote que se apaixona por uma jovem viúva, e tal paixão luta contra seu desejo em seguir como seminarista.

Destacaremos como a mulher era vista e qual sua função dentro da sociedade do século XIX e algumas evoluções atuais, através de uma análise literária resumido enfatizando o protótipo feminino. Vamos iniciar com um estudo sobre o romantismo e o realismo estudados na obras, e será feita uma sintética análise.

Finalmente, concluiremos com um estudo sobre a relação da mulher nas obras, a influência política econômica e social e também religiosa para entendermos os costumes que a sociedade idealizava.

Através dos objetivos propostos neste trabalho, faremos uma pequena introdução sobre os pontos que pretendemos analisar no nosso trabalho. Destacaremos os tópicos, que serão brevemente comentados, de acordo com nossa leitura do filme e do romance, e que terão como subsídio as contribuições teóricas sobre romantismo, realismo, a função da mulher no século XIX e evolução no decorrer do tempo, o protótipo da mulher e a relação do adultério mencionado nas obras. Neste tópico abordaremos a trajetória religiosa, social, política e econômica da sociedade do XIX.

CAPITULO I

1. 1 O REALISMO

O realismo é um movimento que rejeitava os princípios românticos, foi afortunado e liberador das imitações impostas pelo romantismo, surgiu na França em (1857) a partir da obra *Madame Bovary* no século XIX.

Quando se observa uma retirada gradual das formas de vida e mentalidade romântica. O apego à realidade e o sentido prático da burguesia em determinar a vontade de ser visto com conformismo ou discordância pelos escritores. Tem características de observar e reproduzir rigorosamente a realidade e principalmente a vida cotidiana e faz crítica com intenção social e moral. Os autores realistas pretendiam refletir na realidade com imparcialidade baseando-se na objetividade e representando a liberdade com imparcialidade.

O marco do Realismo na Europa foi registrado em 1857 com a publicação do romance *Madame Bovary*, do escritor francês Gustave Flaubert. No Brasil, a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, é apontada como o primeiro romance realista brasileiro, muito embora essa tendência literária tenha dado seus primeiros passos em nossa literatura na metade do século XIX, época em que o Romantismo ainda figurava como principal estética. Essa nova postura artística proporcionou uma profunda transformação da linguagem. Entre as principais características da linguagem realista, podemos destacar:

- Objetivismo;
- Linguagem culta e direta;
- Narrativa lenta, que acompanha o tempo psicológico;
- Universalismo;
- Sentimentos, sobretudo o amor, subordinados aos interesses sociais;
- Herói problemático, cheio de fraquezas;
- Não idealização da mulher.

Todas essas características opunham-se fortemente às características da linguagem romântica, marcada pela subjetividade e pelo individualismo. O Realismo propôs a investigação do comportamento humano e denunciou, por meio da literatura, os problemas sociais, abandonando assim a visão idealizada do Romantismo. No Brasil, o principal representante da prosa realista foi Machado de Assis, embora outros escritores também tenham produzido obras de grande relevância para o período. Foi na obra daquele que é considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos que o Realismo realizou-se com perfeição nos planos técnicos e temáticos.

O realismo se desenvolveu com força a partir da segunda metade do século XIX e foi mais forte na Literatura, embora tenha envolvido outras manifestações artísticas também, como a pintura e o teatro.

O realismo surgiu na França, bem no contexto da Revolução Francesa, em uma sociedade que estava passando por transformações tecnológicas e que se dividia em duas classes antagônicas: burguesia e proletariado.

No Brasil passava por mudanças sociais importantes: a escravidão foi abolida em 1888 e a mão-de-obra européia começou a ser utilizada amplamente, fazendo com que os negros fossem marginalizados. O ciclo do açúcar estava entrando em decadência e o centro do país estava mudando de Salvador para o Rio de Janeiro, onde o comércio apresentava um franco desenvolvimento. E não podemos esquecer-nos da Proclamação da República, em 1889 que teve grande influência.

Algumas características do realismo no Brasil:

- O objetivismo ganha força total, em substituição ao subjetivismo que imperava durante o romantismo. Isso é perceptível até na linguagem, que é bem mais direta e sem floreios. Na maior parte dos casos, as obras realistas representam situações que aconteciam com toda uma classe e não apenas com uma pessoa;
- A burguesia é duramente criticada em muitos momentos. Diversas obras literárias do realismo são escritas como uma crítica aos costumes burgueses e à hipocrisia da classe. Para isso, geralmente são usados personagens extremamente capitalistas, que ilustram o pensamento e o comportamento dessa classe social;
- As correntes científicas, como o determinismo, por exemplo, influenciavam os autores que as usavam para legitimar suas idéias;

- O sentimentalismo cai por terra, dando lugar ao materialismo e a preocupação com o presente. Não é raro ver enredos que se desenvolvem em torno de relacionamentos pautados em interesses financeiros, por exemplo;
- As narrativas comumente são lineares.

É importante compreender que quando falamos em Realismo como escola literária, estamos nos referindo a dois estilos diferentes que se desenvolveram paralelamente e com vários pontos em comum: o romance realista e o romance naturalista. O realismo propriamente dito, ou seja, o romance realista era focado na análise da dimensão psicológica dos seus personagens, como uma forma de retratar a sociedade da época. É aqui no realismo que as críticas à burguesia e ao capitalismo conseguem maior intensidade.

Já o naturalismo, apresenta muitos romances experimentais e geralmente aborda o ser humano como um animal, focando em seus instintos e em suas fraquezas. A análise social também é importante, mas na maior parte dos casos é referente a grupos que são marginalizados e a coletividade é mais importante do que o indivíduo. Um dos autores mais representativos do nosso naturalismo no Brasil foi *Aluísio Azevedo*, com obras como “O Cortiço”, “O Mulato” e “Casa de Pensão”.

O teatro realista também teve destaque aqui no Brasil e assim como os livros, as peças também buscavam fazer um retrato da realidade social, mostrando como vivia o povo brasileiro. Os principais problemas sociais que o país vivia eram levados para os palcos.

Ao invés de personagens românticos, que passavam boa parte do enredo tentando conquistar a mulher amada, declamando-lhe versos e com uma vida luxuosa, no teatro realista os personagens representavam os trabalhadores e pessoas que levavam uma vida simples, lutando dia após dia.

José de Alencar, apesar de ter vivido o romantismo, escreveu uma peça de teatro realista, intitulada “O Demônio Familiar”. Machado de Assis fez a sua parte nesse gênero, publicando “Quase Ministro”. Joaquim Manuel de Macedo, que também escreveu obras românticas, contribuiu com o teatro realista com “Luxo e Vaidade”.

1. 2 CRÍTICA AO ROMANTISMO

O romantismo Espanhol foi um vasto movimento que comoveu por inteiro a arte do século XIX originando na Inglaterra e Alemanha entre o final do século XVIII e começo do século XIX e se estendeu por toda a Europa. O romantismo literário surge primordialmente como reação frente às doutrinas e modelos neoclássicos do século XVIII, convertidos em moldes de rotinas. Tem como características a liberdade, a necessidade de renovar a literatura, a livre expressão.

Os escritores dessa época se sentem insatisfeitos com a realidade que vivem e buscam um ideal incansável desprendendo das circunstâncias atuais para retomar a fantasia de tempos e lugares muito distantes da realidade. O subjetivismo foi uma das principais características do romantismo, os românticos se sentem atraídos pelo que cada indivíduo tem de único e acreditavam no amor puro, eram idealistas e individualistas.

O Romantismo, como fenômeno literário surgiu em Portugal, entre o final do século XVIII e o início do século XIX e trazia consigo o desejo a livre inspiração e estilo, quebrando com a rigidez que antes imperava na forma de se fazer literatura. Inclusive, os literários de antes do período romântico, eram taxados de meros imitadores de modelos clássicos. Outra importante característica do Romantismo era o sentimentalismo presente nas obras, onde se expunha um grande apelo ao patriotismo e as tradições culturais de Portugal.

O Romantismo surgiu em um momento no qual o mundo passava por uma profunda transformação, em parte provocado pelo Iluminismo que buscava entender o próprio Homem e o seu meio. As novas concepções sociais originadas a partir da Revolução Francesa ganharam bastante apreço dentre os intelectuais da época, também colaborando com as transformações iluministas.

O século XIX foi riquíssimo de novas idéias e formas de pensar, principalmente nos aspectos políticos e sociais, como já citado, mas também no campo econômico.

O Romantismo não ficava indiferente às transformações pelas quais o mundo estava passando. No intuito de registrar fatos e passagens históricas, muitas obras foram criadas, porém não se detendo a mera exposição dos acontecimentos, mas se utilizando desses fatos como alicerce para a criação de situações, fictícias, que se mesclavam. Batalhas, traições políticas e intrigas eclesiásticas foram cenários muito utilizados pelos românticos.

Outra grande fonte de inspiração dos românticos eram as viagens, que acabam por serem narradas e despertavam grande curiosidade do público leitor, já que na época não era comum a prática do turismo, como fazemos hoje em dia. Conhecia-se o mundo por intermédio das páginas dos livros e teatro. O Romantismo ainda “redescobre” a Idade Média, buscando neste momento histórico todo um lirismo, uma ingenuidade, uma inocência e um espiritualismo que foram preteridos até então.

Ainda no princípio Romântico, desenvolvem-se atividades ou modalidades literárias até então postas de lado, num segundo plano, que eram confinadas a determinados ambientes. Assim o Jornalismo passou a ter uma importância fundamental junto à sociedade com mais uma linha de informação, passando a ser o veículo responsável pela formação de uma consciência social independente dos rígidos quadros administrativos e educando as massas quanto aos seus direitos e deveres.

Pode-se afirmar que o Romantismo, graças ao surgimento do Jornalismo, foi um período marcado pela democratização da cultura e das relações sociais, formando uma nova mentalidade quanto a Portugal e também quanto ao mundo. Deve-se frisar que já em 1641 havia sido publicado o primeiro jornal em Portugal, no entanto, com uma forma de fazer jornalismo ainda bastante arcaico com artigos relacionados a viagens, a assuntos políticos, críticas literárias e com a publicação, pelos folhetins, de obras literárias publicadas em capítulos.

Dentro da própria arte de escrever uma história, encontramos o Conto, a Poesia, e Novela e o Romance, como técnicas e formatos literários específicos. Convém expor que a Oratória, como prática, surgiu em consequência do ambiente político onde se fazia necessário se destacar e melhor expor suas ideias. Logo os discursos políticos e/ou acadêmicos passaram a ter uma grande importância, estimulando inclusive que, desde então, oradores, renomados pela sua capacidade, publicassem seus discursos, tanto parlamentares como até mesmo acadêmicos.

Seguindo as manifestações do romantismo, a Historiografia também se destaca, quando a história passa a ser vista sob um prisma técnico, crítico, destacando-se Alexandre Herculano como um dos mais importantes nomes da Historiografia portuguesa de então.

Também no período romântico duas tendências se confrontam e se prolongam até o fim do século, já em pleno naturalismo: o lirismo pessoal, confessional e o de inspiração universalista – seja religiosa, social ou científica.

Conforme se avança o movimento romântico, ocorrem manifestações bem distintas, como a do ultra-romântico Soares de Passos, mórbido e convincente, ou a do romantismo social e satírico de Xavier de Novais e a agressiva passagem dos poetas panfletários. Na verdade, paulatinamente se chega ao terreno indeterminado em que a opção romântica dá lugar à vigência das escolas realista e naturalista. Na segunda metade do século XIX, essa mudança pode ser observada na obra de um mesmo escritor, na poesia em que se opõe o lirismo confessional e a poesia social ou, eventualmente, parnasiana.

CAPITULO II

OS SUJEITOS: GUSTAVE FLAUBERT E JUAN VALERA

2. 1 GUSTAVE FLAUBERT

Novelista Francês, Gustave Flaubert nasceu em Ruan na Normandia em 12 de dezembro de 1821, seu pai foi um renomado médico no hospital Rouen onde o mesmo foi criado junto a seus irmãos. Estudou direito em Paris por influência de seu pai, mas foi reprovado e devido a alguns problemas de saúde dedicou-se a escrever.

Viajou pela Grécia e Oriente no qual lhe inspirou cenários novelescos, tentou tomar a vida de forma tranquila na cidade de Croisset, mas sua epilepsia se manifestou, sua Irma se casou e logo depois faleceu e seu cunhado com muita dor devido à perda, enlouqueceu o pai também morreu, ficando assim a mãe cuidando dos netos. Flaubert pertencia à burguesia e vivia como aristocrata, não trabalhava e aproveitava a vida junto aos amigos, foi considerado como um autor do romantismo e do realismo. Seu temperamento é romântico, mas a sua observação é rigorosa e objetivada na realidade.

É preciso lembrar que a postura realista em arte, cuja objetividade parte da observação minuciosa das leis da natureza, do meio social, da psicologia humana e dos caracteres, não exclui a imaginação criadora do artista. Pelo contrário, o efeito de real é fruto da capacidade inventiva de detalhar o ambiente em que se movem as personagens, de atribuir-lhes idéias,

sentimentos e comportamentos verossímeis, de criar-lhes uma linguagem apropriada. (VILLAS BOAS, 2015, p. 8).

A busca pela objetividade não lhe impede de transmitir nas obras sua visão pessoal e principalmente crítica, foi mestre do movimento literário realista e devido ao sucesso das obras passou a influenciar a sociedade e outros escritores. Com isso sua obra *Madame Bovary* foi considerada uma leitura “indecente e corruptora” por tratar de um tema pecaminoso naquela época o “adultério”, com isso Flaubert foi processado, mas logo depois foi absorvido pelos juízes, mas não pelos críticos.

2.3 JUAN VALERA

Juan Valera Alcala Galiano, Cabra, 1824 - Madrid, 1905 escritor espanhol e crítico cujo trabalho é parte de uma esteticista oposto atual para o realismo naturalista. Político e diplomata, era um homem culto e refinado, cujo hedonismo não foi separado de seus inúmeros casos amorosos e até mesmo seu casamento tardio e infeliz com Dolores Delavart, que tinha o dobro de sua idade. Começou como um teórico da literatura com *Ensaíos Literários* (1844), um livro que foi quase inteiramente destruído, e com críticas e comentários em vários jornais e revistas espanholas e latino.

Valera também escrevia contos e romances serializados, mas sua entrada final na narrativa veio tarde, quando ele revelou *Pepita Jiménez* (1874), o mais popular romance espanhol do século XIX, que, apesar de seus costumes de notas e tema do amor romântico, literário finalizou suas posições anti-realistas, as suas preocupações formais e sua vontade de definir uma prosa estilo e liberado.

Mais tarde, ela lançou *Illusions Dr. Faustino* (1875), publicado por entregas, *El Comendador Mendoza* (1877), *Pasarse* (1878) e *Doña Luz* (1879). Depois de um longo hiato e já afetado pela cegueira progressiva, eles apareceram *Juanita Long* (1896), também publicado anteriormente em parcelas, e *Morsamor* (1899). Seu domínio de uma técnica narrativa refinada permitiu-lhe para fazer uso de recursos expressivos que expandiu os registros temáticas de seus romances, consideravam-se "fada cor de rosa" por alguns críticos.

Em sua obra *Pepita Jiménez*, o recurso epistolar para narrar à história permitiu-lhe para abrir outros pontos de vista, incluindo o narrador marca uma distância irônica e crítica, enfatizando sua idéia básica de que toda obra de arte

deveria aspirar a princípio de beleza. Por isso, ele cobrava contra o "professor e humanitárias indecência" realista.

Ele também atacou as formas retóricas de "novos filósofos e políticos," embora ele escrevesse de modo filosófico histórias Voltaire como *Pássaro Verde* (1860), e *bom nome* (1894). Para alguns historiadores da literatura espanhola, sua importância real está a ser encontrado como um ensaísta, especialmente em livros como *A partir da natureza e caráter do romance* (1860), cuja publicação precedeu o seu ingresso no Real Academia Espanhola, e acima de tudo, *notas sobre a nova arte de escrever romances* (1886-1887). Neste último trabalho, ele confrontou sua tese com os de Emilia Pardo Bazan e outros naturalistas e pediu uma arte narrativa comprometida com a "verossimilhança artística" e, conseqüentemente, desvinculada de qualquer ideologia ou lealdade para com a realidade social.

CAPITULO III

AS OBRAS MADAME BOVARY E PEPITA JIMENEZ

3. 1 MADAME BOVARY (1857)

A obra *Madame Bovary* foi publicada em 1857 na França por Gustave Flaubert é caracterizada por um romance documental, apoiado na observação e na análise, a investigação da sociedade e dos caracteres individuais. É feita de dentro para fora, por meio de análise psicológica capaz de abranger sua complexidade, utilizando a ironia, que sugere e aponta, em vez de afirmar. A obra retrata e crítica as classes dominantes, a alta burguesia na qual os personagens pertencem que é a alta classe social que em sua época foi considerada indecente por tratar de temas que eram contra a moral pública e a religião.

Madame Bovary, conta a história de uma menina que foi criada por seu pai. Estudou em colégio de freiras onde a maioria do seu tempo lia livros de romances, e sua educação era preparada para o casamento. Emma conhece Charles um medico provinciano, renomado, perfil de homem que toda mulher queria casar. Emma casa com Charles e tem com o casamento, a esperança de melhorar suas perspectivas de vida, mas à medida que convive com seu marido, sua ilusão de homem perfeito

no qual lia livros, vai sendo desfeita e com isso vai ficando saturada com o casamento. Entediada, acaba encontrando em outros homens a paixão que sonhava para sua vida, mas não é bem assim, Emma contrai muitas dívidas para viver no luxo e não tem condições de pagar, vem às desilusões com seus amantes que só querem apenas aventuras, ela não agüenta essa angústia de relacionamentos mal vividos; envenena-se para acabar com seu sofrimento e morre.

3. 2 PEPITA JIMENEZ (1874)

A obra de Pepita Jimenez foi publicada em 1874 acontece em Andalúcia, uma jovem de 20 anos que foi criada por sua mãe que também era viúva e seu irmão, com muitas dificuldades financeiras. Tinha um tio que era um ser extraordinário, um gênio da economia, Gumersindo que começou a frequentar a casa de Pepita.

Pepita tendrá veinte años; es viuda; solo tres años estuvo casada. Era hija de doña Francisca Gálvez, viuda, como usted sabe, de un capitán retirado. Que le dejó a su muerte sólo su honrosa espada por herencia, según dice el poeta. Hasta a la edad de dieciséis años vivió Pepita con su madre en la mayor estrechez, casi en la miseria. (JUAN VALERA 1886, p. 4).

Com muitas dificuldades a mãe de Pepita viu esse casamento como uma esperança e uma boa colocação para sair da miséria. Casar com seu tio foi consagrar sua vida para cuidar e ser enfermeira, dedicando os seus últimos dias aos seus cuidados. Após três anos de comunhão ele morre deixando Pepita viúva e rica.

Ya he dicho que era tío de La Pepita. Cuando frisaba en los ochenta años, iba ella a cumplir los dieciséis. Él era poderoso; ella pobre y desvalida. La madre de ella era una mujer vulgar, de cortas luces y de instintos groseros. Adoraba a su hija, pero continuamente y con honda amargura se lamentaba de los sacrificios que por ella hacía, de las privaciones que sufría y de la desconsolada vejez y triste muerte que iba a tener en medio de tanta pobreza. (JUAN VALERA 1886, p. 5).

Pepita foi criada por sua mãe Francisca Gálvez que era uma mulher rude, mas, contudo adorava seus filhos, com muita amargura e sempre se lamentando pelo sacrifício e privações que fazia em criar-los. Mas por influência de sua mãe casou-se com seu tio.

D. Luis um jovem de 22 anos, interessado em ser sacerdote, foi educado em um seminário com grande fervor religioso, decide visitar e passar uns dias em sua

antiga casa, ao lado de seu pai. Lá encontra várias pretendentes, mas nenhuma lhe chama atenção. Levou vários livros, mas não consegue ficar só em nenhum momento para ler. D. Luis esta passando as férias na casa do seu pai e escreve constantemente para seu tio D. Deán seu mentor espiritual, o conteúdo das cartas conta o seu dia a dia na fazenda de seu pai, lugar onde viveu e o encanto de recordar coisas e lugares.

Hace cuatro días que llegué con toda felicidad a este lugar de mi nacimiento, donde he hallado bien de salud a mi padre, al señor vicario y a los amigos y parientes. El contento de verlos y de hablar con ellos, después de tantos años de ausencia, me ha embargado el ánimo y me ha robado el tiempo, de suerte que hasta ahora no he podido escribir a usted. (JUAN VALERA 1886, p. 2).

Conhece Pepita e se apaixona. Pepita, uma jovem bela e viúva dedica sua vida a religião, com muitos pretendentes diz não a todos. Mas quando conhece D.Luis sente seu coração bater, mas esse amor é quase impossível por causa da devoção de D. Luis e seu pai D. Pedro que é um dos pretendentes da jovem.

CAPITULO IV

ANÁLISE DAS PERSONAGENS ESTUDADAS

4. 1 PERFIL DE EMMA BOVARY

Madame Bovary, de autoria de Gustave Flaubert, é um romance realista bastante polêmico para a sua época (1856). É uma obra que trata de adultério e retrata uma sociedade provinciana bastante moralista, que não “combina” com a personalidade romântica de Emma Bovary, a protagonista da história. Este texto tratará de analisar com mais profundidade o seu perfil.

Emma Bovary é uma mulher que sonha muito, bastante romântica e um tanto quanto ingênua em algumas ocasiões. Ela é uma ávida leitora de romances românticos e espera que sua vida seja repleta de amores tórridos e proibidos e muitas aventuras, as quais ela vivencia em suas leituras. É, pois, uma literatura de ilusão, que afeta sua alma e, até mesmo, perturba sua personalidade.

Emma, que casou com o médico Charles Bovary, demonstra sentir uma expectativa em relação ao seu casamento, uma expectativa idealizada pela leitora Emma. Antes mesmo de ter casado, ela fez brotar em si mesma sensações que foram frutos de sua imaginação com base nas leituras de romances.

Também é narrada sua história de vida, desde criança até chegar à vida de casada. Pode-se perceber o seu perfil de leitora e idealizadora e que deu vazão a sonhar com os personagens e cenários. Após, ela vai para o convento. Lá, ela vive afastada das pessoas e tem uma rotina na qual não acha graça. Então, ela vivencia uma rotina em sua mente paralela à vida que leva no convento isolada, Emma se permitia tirar suas conclusões a partir das histórias que ela lia ou lhe eram contadas.

O convento, enfim, foi um lugar que fez aflorar uma pessoa sonhadora, pois vivia enclausurada e não tinha contato com o mundo lá fora, com exceção de uma senhora que, às vezes, levava algum romance às escondidas, levava recados, narrava histórias, entre outros.

Por ela viver isolada, no convento, aliada a leituras dos romances, ela aflorou em sua personalidade o lado sentimental e o idealista. Emma sonhava acordada com as histórias que lia e se encantava com elas na tentativa de fugir da rotina de sua vida.

Depois, o romance retoma a vida dela como recém-casada. Ela visualiza no seu casamento com Charles a forma de realizar os sonhos e tudo o mais que vivenciou nos romances. Já, na lua-de-mel ela se angustia, pois percebe que a felicidade-modelo que ela leu nos livros não é real. Emma desejava o luxo e o encantamento da vida aristocrática. Sua angústia a leva a se tornar instável internamente a ponto de desejar encontrar outro homem que seja parecido com os esposos de suas heroínas.

Quando Emma e Charles são convidados para o baile do Marquês d'Andervilliers, ela percebe que "aquele mundo de luxo e ostentação" é o que ela realmente sempre sonhou para sua vida. Após esse baile, quando volta a sua casa, Emma não pôde se desligar do que ela viu e se maravilhou. A tal ponto que chega a pensar que "àquela era uma existência superior às outras".

Esse pequeno trecho faz referência ao Romantismo, em que os personagens são seres superiores e perfeitos. Naturalmente, Emma era ingênua e lia muitos romances e, por conseqüência entrava em choque com sua realidade diferente.

Então, ela entrava em crise ao perceber que o mundo de fantasia, alimentado pelos romances, era diferente do que imaginava.

Seu sofrimento devido à vida entediante a leva a adoecer e começa a ter crises nervosas. Então, ela e Charles mudam para outra cidade a fim de que “aquele quadro de tédio e doença dos nervos” termine.

Logo depois, ela tem um envolvimento com León e pensa estar vivendo “um grande amor”. Depois o relacionamento é impossibilitado de continuar... Então, Emma volta a ser instável e a ter crises nervosas.

Mais tarde, Emma se envolve com Rodolphe, alimentando ainda mais seus desejos com base na literatura dos romances. Passada a fase de encantamento, Rodolphe torna-se indiferente. Então, Emma se aflige e se torna infeliz novamente.

Mais adiante, Charles Bovary tem uma oportunidade de fazer uma cirurgia, que pode levá-lo a ser um médico renomado. Emma, então, passa a considerá-lo, tendo em vista que seu marido pode ter um lugar de destaque na sociedade. No entanto, a cirurgia não teve êxito e Emma fica decepcionada com a mediocridade dele. Então, ela volta a se reencontrar com Rodolphe e passa a sentir desprezo por tudo que se relacione ao marido. Tentou fugir com seu amante, mas ele não quis assumi-la de fato. Então, Emma volta a adoecer com mais essa desilusão.

Após sua recuperação, ela vai ao teatro e se identifica com a personagem principal que foge ao casamento e mantém uma paixão por outro.

Emma havia mudado com suas frustrações amorosas. Ela tentou se parecer com as heroínas que lia nos romances e, percebeu que a vida é mais amarga do que ela pensava. Então reencontra Léon e volta a ser sua amante. Mas desta vez, ela não é mais aquela mulher apaixonada por repleto. Apenas deseja escapar da agonia que se tornou sua vida. Outra vez, o relacionamento entra na rotina.

Emma, não consegue mais resolver suas frustrações através dos seus relacionamentos, então vira uma consumista. Contrai dívidas altíssimas com o comerciante L'eurex que levam sua família à ruína.

Diante da ruína e da impossibilidade de se inspirar na literatura para se salvar, Emma consegue um pote de arsênico na farmácia de Homais e resolve acabar com sua vida.

O romance é apresentado em três partes. Na primeira, nota-se a personalidade medíocre e acomodada do futuro marido de Emma, Charles Bovary. Lento nos estudos, nunca chegaria a ser brilhante na profissão que escolhera, a

medicina. Viúvo casou-se com Emma e foi morar na província de Tostes. Para Charles a vida não poderia estar melhor. Para Emma, no entanto, “à medida que se estreitava mais a intimidade de suas vidas, alguma coisa gradativamente a separava dele.” Antes de se casar acreditava sentir amor por ele, porém não encontrou no casamento a felicidade mostrada nos livros que lera enquanto esteve educando-se no convento. Depois de um baile no castelo de Vaubyessard, Emma sentiu uma perturbação desconhecida. Algo lhe dizia que sua vida não seria mais a mesma depois de ter conhecido este mundo de luxo e de riqueza tão diferente do seu. De volta à rotina, tanto se queixou que convenceu o marido, Charles, a se mudar para a província de Yonville.

Na segunda parte, já em Yonville, Emma engravidou, e ficou desejosa por ter um filho homem. Teve uma menina, que entrega aos cuidados de mãe Rollet, amade-leite. Uma nova rotina vai se delineando. Todos os dias após o jantar reúnem-se na casa dos Bovary, Homais e Leon. Homais é o farmacêutico que é contra a igreja e a religião e defensor dos ideais iluministas e da ciência. Léon é um jovem escrevente, estudante de direito que, por ter se apaixonado por Emma e não ser correspondido - foi para Paris. A partida de Leon é um golpe para Emma que perde, assim, a única pessoa com quem gostava de estar. Tudo em Yonville torna-se extremamente tedioso. Envolve-se, então, com Rodolphe, um nobre decadente que vive em seu castelo nos arredores de Yonville. Porém, após algum tempo o romance se esvazia e ele rompe com Emma, que adocece. Recuperada do golpe, apega-se à religião, que também não a satisfaz.

Por fim, Emma reencontra Leon em Ruão. Tornam-se amantes. Mais uma vez, Emma busca no amor uma saída para o descontentamento de sua vida. Por esta época inicia um caminho sem volta. Compra presentes para Leon e roupas luxuosas para si do comerciante Lheureux. Endivida-se. Negocia as dívidas, sempre à revelia de Charles. Assina letras que sabia não poder pagar. Chega o momento, porém, em que é cobrada judicialmente e tem sua casa penhorada. Entra em pânico, desespera-se. Busca ajuda de Rodolphe e Leon. Não recebe. Como última alternativa, procura o tabelião Guillaumin, mas este tenta possuí-la em troca da ajuda. Emma não se vende. Sozinha, esgotada e sem saída, suicida-se.

Emma é uma mulher que busca um caminho diferente daquele em que foi preparada para percorrer. Mas como fazê-lo se toda mulher era preparada e empurrada para o casamento? O comportamento da personagem de Flaubert

anuncia uma mudança que em breve colocaria o mundo macho de cabeça para baixo: o poder de escolha da mulher que sempre esteve paralisada pelas ordens dos homens. Emma não aceitava ser dominada, não era submissa, prendada ou fiel.

O tédio de Emma vai além da falta de graça e vida de seu marido, porque quase nada a satisfaz por muito tempo. Vaidosa, cheia de vontades, uma verdadeira mulher de fases, que ora alterna o ímpeto da paixão pela vida e pelos amantes, ora entra em um estado de letargia desconsolado com a existência. Nem o nascimento de sua filha faz com que o amor pleno tome conta de Madame Bovary, que procura incessantemente as paixões nas páginas dos romances – os quais chegou a ser proibida de ler por causa dos conselhos da sogra, que pouco a estimava.

As traições de Emma parecem ser percebidas por todos da pequena comunidade. Diferente das mulheres prendadas e dedicadas ao marido, ela é uma verdadeira consumista que afunda Charles em dívidas homéricas e irreversíveis. Dinheiro, luxo, sexo, chantagem. Em um século sem Aids, querer satisfazer desejos sem preocupações mortais era um capricho. Emma buscava amantes que pudessem levá-la aonde ela quisesse, já que sozinha ela não poderia ir. Ela queria ser quem não era – fenômeno hoje designado pela psiquiatria como Bovarismo.

Além da leitura de romances e da existência de idéias permanentes e pertencentes a um mundo paralelo que corrói apenas sua mente e traz desgraças para seu marido, Charles, Emma arquiteta cuidadosamente aventuras reais. Aventuras que se transformam em desconfortáveis paranóias a partir do momento em que ela começa a perder a noção da realidade e entra de vez no mundo de sonhos e desejos de uma vida repleta de emoções arrebatadoras. Um comportamento que demorou alguns anos para que se tornasse verdadeiramente perigoso, mas que, como uma cova funda, engoliu Emma e sua família de forma drástica e trágica, acidamente e detalhadamente descrito por Flaubert, grande estudioso da estupidez humana em uma época em que a medicina, a moral e a religião ainda causavam muitos erros, enganos e dores.

O suicídio é o fim de Emma Bovary. A sociedade francesa do século XIX sofreu com as mudanças sociais ocorridas no mundo, mudanças que têm raízes no Renascimento e atingem seu ápice com os ideais iluministas, culminando na Revolução Francesa, e que estão intimamente ligadas às mudanças nas relações de produção, resultantes da Revolução Industrial. As metamorfoses se fazem sentir em todos os aspectos da vida social levando a sociedade a uma profunda crise moral.

Madamme Bovary é a radiografia desta sociedade que sofre de anomia, que se encontra afundada em uma crise da qual parece não ter solução. A forma crua de exposição adotada por Flaubert causou escândalo e foi motivo para que ele fosse processado pelo Ministério Público por ofender a moral pública e religiosa.

4. 2 PERFIL DE PEPITA JIMENEZ

Pepita, 22 anos filha de dona Francisca Gálvez, morou com sua mãe até os 16 anos na miséria, casou com seu tio, um velho rico que veio a falecer após três anos de casamento a deixando viúva e herdeira de um bom dinheiro, no qual faz um bom uso de sua riqueza, ajudando aos mais necessitados. É vista como um dos melhores partidos da cidade, porém ela não quer nenhum e mostra isso com delicadeza, mostra que sua alma é devota e que seu pensamento é para consagrar sua vida a caridade e piedade religiosa.

Pepita, pues, con dinero y siendo además hermosa, y haciendo, como dicen todos, buen uso de su riqueza, se ve en el día considerada y respetada extraordinariamente. De este pueblo y de todos los de las cercanías han acudido a pretenderla los más brillantes partidos, los mozos mejor acomodados. Pero, a lo que parece, ella los desdeña a todos, con extremada dulzura, procurando no hacerse ningún enemigo, y se supone que tiene llena el alma de la más ardiente devoción, y que su constante pensamiento es consagrar su vida a ejercicios de caridad y de piedad religiosa. (JUAN VALERA 1886, p. 7).

Não pensa em ir para um convento, mas designa seus dias com muita devoção a religiosidade, e só pensa nas coisas de Deus, ajuda os pobres de todo o mundo. Seu mentor espiritual é um padre da cidade.

Pepita, sin Duda, amo a su madre primero, y luego las circunstancias la llevaron a amar a don Gumersindo por deber, como al compañero de su vida; y luego, sin duda, se extinguió en ella toda pasión que pudiera inspirar ningún objeto terreno, y amó a Dios, y amó las cosas todas por amor de Dios, y se encontró quizás en una situación de espíritu apacible y hasta envidiable, en la cual, si tal vez hubiere algo que censurar, será un egoísmo de que ella misma no se da cuenta. (JUAN VALERA 1886, p. 22).

Pepita embora seja jovem, é viúva. Casou-se com um tio já idoso e após três anos de comunhão ele morre, deixando Pepita rica e bela.

A jovem se entrega a uma vida religiosa e reforça isso com uma amizade muito sincera com o padre da cidade.

Quando conhece o jovem aspirante a sacerdote, a jovem viúva também sente o coração balançar, mas este amor está condenado à morte por causa da vocação do jovem, cujo pai é um dos pretendentes da viúva Pepita. D. Pedro, pai de D. Luis, é apaixonado por Pepita e sonha casar-se com ela.

O jovem está passando as férias na casa de seu pai e escreve constantemente para seu D. Deán, seu mentor espiritual, que se encontra no seminário. O teor das cartas é o dia a dia na fazenda com seu pai, o amor por Pepita, os passeios etc.

Em suas cartas D. Luis pede também ao seu tio que interceda por ele para que não caia em tentação. Por mais que lute contra seus sentimentos D. Luis vê em Pepita o exemplo de mulher ideal, tudo isto faz com que ele tenha uma forte crise existencial, não sabe o que fazer, pensa em fugir da cidade e voltar ao seminário. Pede ao seu tio que interceda junto ao seu pai para que este o deixe ir embora, porém D. Pedro não aceita a sua partida e a adia o quanto pode.

O tempo passa e o amor de Pepita e D. Luis aumenta cada dia, Pepita como amiga do vigário da cidade pede a este conselho no que é criticada duramente. Dom Luis continua a escrever ao seu tio D. Deán, e diz que quer voltar ao seminário antes que ele não consiga mais vencer a tentação. Como foi criado no seminário com seu tio, D. Luis não sabe andar a cavalo e isto lhe causa constrangimentos. Um dia ao visitar as hortas de Pepita junto com seu pai, seu primo Currito, o vigário e uma tia idosa. D. Luis é escarnecido por Currito, todos vão a cavalo, exceto a tia, o vigário e D. Luis. E este fica muito bravo consigo mesmo, mas seu pai trata de resolver a situação ensinando-o a andar no animal

O amor de Pepita e D. Luis aumentam a cada dia e o jovem já não consegue disfarçar seus sentimentos e toma a atitude de ir embora para sempre daquele lugar entregar-se aos seus estudos e rezas esquecendo-se daquele amor, que para ele é uma maldição em sua vida.

Nisto Antoñona, aliada de Pepita resolve interceder na vida de sua ama que está muito doente e vai a procura de D. Luis e lhe diz que, antes de ir embora que ele vá até sua ama e dê a ela satisfações e lhe explique que não a está trocando por coisa vil, mas pelo amor de Deus e que suas convicções quanto ao sacerdócio são sólidas e que nada poderá abalar. Talvez desta forma ela concorde em esquecê-lo, reaja a enfermidade e a tristeza que lhe abateu.

Após relutar, D Luis concorda e vai ao encontro de Pepita, encontra-a triste e muito abatida, conversam e a princípio ele busca todas as soluções possíveis para negar o amor contido em seu coração. Se negam ao amor por causa da vocação pensam estar ofendendo à Deus, se negam pelo que o povo irá dizer acerca dos dois, principalmente D.Luis que é um seminarista e por fim pensam na inimizade entre pai e filho que amam a mesma mulher.

Após várias horas de conversa e lágrimas, chegam a conclusão de que não podem viver separados. D.Luis decide tomar a decisão de enfrentar a situação e a primeira coisa a fazer é contar para seu pai, que reage de forma surpreendente, recebendo com alegria o romance do filho com Pepita. Seu pai já sabia de tudo há alguns meses através das cartas enviadas por seu irmão D.Deán.

D. Pedro sabia de tudo, inclusive de seu duelo com o conde Genazahar, que ofendera a honra de Pepita com palavras, a verdade é que para o pai de Luis foi uma alegria, pois ele não concordava no fato de seu filho ser padre. Talvez a idéia de casar-se com Pepita partirá do fato de que não teria herdeiros, mas relembra que com a chegada do filho a jovem viúva abandona o luto e passa a se vestir de maneira mais alegre, confessa que por um momento pensou ser ele o motivo de tão grande mudança. D. Luis larga a batina de vez e se casa com Pepita Jiménez, o padre amigo da família falece em virtude da avançada idade, o que deixa Luis bastante entristecido, mas isso logo é superado com a abnegação de Pepita. Os dois têm um filho, deixando D. Pedro muito feliz, o casal segue a vida buscando sempre em Deus o estímulo, o conforto, a tranqüilidade para superarem todas as situações opostas. Tornam-se um exemplo em Andalucía de respeito, amor e obediência a Deus e reconhecem que o amor de ambos não é uma queda, mas começo de uma grande mudança na história de suas vidas.

CAPITULO V

EVOLUÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DA MULHER NA SOCIEDADE

5. 1 A MULHER NA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX E ATUAL

A mulher do século XIX era vista de um modo completamente diferente da atual, sua evolução histórica no papel da mulher dentro da sociedade e no seu trabalho mostra a ausência de direitos que a mulher teve desde os primórdios da humanidade e devido a isso, vem à busca de lutas e conquistas para sair do esquecimento e do anonimato quando a narrativa estava centrada na esfera pública, contemplando as ações políticas das figuras masculinas. Nesse sentido, para *Michelle Perot* uma análise mais apurada acerca das mulheres era infactível, impreciso e impensável, pois as atuações das mulheres nos espaços públicos eram escassa, pouco consistentes e limitadas. Ela ainda aponta o universo feminino diversificado, suas mulheres não são todas passivas, as da elite aprenderam a ler e escrever mesmo não gozando dos mesmos direitos e poderes dos homens, por outro lado as mulheres de classe baixa desenvolvem suas sociabilidades em espaços específicos, como lavadoras onde se conversam de tudo, transitam pela cidade e ajudam o marido realizando seus comércios para ajudar na renda, elas são subalternas dos maridos.

Em suma a mulher era um ser destinado á procriação, ao lar, para agradar o marido como visto na obra de *Flaubert*, não tinha direito de estudar, de trabalhar, de escolher seu companheiro e tudo girava em torno de sua reputação, ela não podia ir ao contrario do que a sociedade estabelecia. Uma mulher ideal para casar naquela época tinha que ter uma boa educação para não contrariar seu esposo, tinha que saber cozinhar, cuidar da casa e dos filhos, tudo era restringido a atividades que fossem úteis ao ambiente domestico deixando-as sem valor para o mercado de trabalho como também ser virgem, tal descoberta anularia seu casamento. Não podia ser mais inteligente que o homem caberia a ela só cuidar da casa e ao homem que tinha estudos dos negócios e algumas para serem livres optavam por exercer a prostituição ou ao sacerdotismo.

Veamos el caso de la mujer encerrada. Una mujer encerrada es la griega. La mujer ateniense, que tenía bajo las leyes de Solón diferentes posibilidades para estar en la sociedad; si elegía ser esposa, terminaba concreta y claramente encerrada en su casa, donde conformaba un pequeño grupo de poder interno dedicado a tener hijos en la paz de los jardines. El hombre era un ausente, y algún historiador dijo que el ateniense con quien menos hablaba era con su mujer. (MARISTANY, JAIME 2000, p. 22).

Foi definido legalmente na lei do divórcio em 1857, que um homem poderia obter a anulação do seu casamento se ele pudesse provar um ato de infidelidade de sua esposa, pois tal ato seria letal, mas a mulher não poderia desfazer de seu casamento. Até o século XX o direito de voto caberia só exclusivamente aos homens que eram tidos como superiores naquela época, e as militantes que lutavam pelos direitos femininos ficaram conhecidas como sufragistas, e foi entre 1890 a 1994 que a maioria dos estados deu direito da mulher a votar. No século XIX desenvolve-se a reflexão sobre as mulheres, permeada pelo direito, a igualdade e a busca da emancipação, principalmente com a invenção do feminismo, e foi caracterizado pela luta dos direitos e a luta pelo sufrágio universal que se deu pela busca do conhecimento de todos os cidadãos.

Nitzsche julga a mulher como “ser” falido que busca elevar-se alterando seus padrões próprios de atuação na sociedade, dando ao homem a responsabilidade de manter a mulher dependente e sob seu controle.

Así durante esos años y las décadas del siglo XX que siguieron esa inercia, la situación de la mujer fue a mi entender una de las peores que ha sufrido, porque aunque gozaba de libertad teórica, no era matrilineal, no podía votar, no podía salir sino con el permiso del marido y por fin no le era permitido gozar, lo cual es una amputación peor que cortar el clítoris, ya que en ese caso se impide la posibilidad y el conocimiento del goce, mientras que en nuestra antigua sociedad se dejaba la libertad aparente pero no se permitía su ejercicio, todo desde la plataforma de la bondad aparente. (MARISTANY, JAIME 2000, p. 72).

No Brasil em 1891 foi assinada uma emenda ao projeto da constituição dando direito de voto a mulher, tal emenda foi rejeitada, nessa época existiam campanhas contra as mulheres para tirar seu direito de cidadania. A luta das feministas possui três grandes momentos. O primeiro foi motivado pelos protestos por direitos igualitários como o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho no fim do século XIX. O segundo, no fim da década de 1960, foi destacado pela liberação sexual, impulsionada pelo aumento dos contraceptivos que na época causou uma revolução sexual. Já o terceiro começou a ser construído no fim dos anos 70, com a luta de caráter sindical. No decorrer das décadas as mulheres começam a sair da esfera reprodutora para a vida pública, com o movimento feminista é evidente que seus projetos de vida pessoais e profissionais são pautados com outra realidade.

Hoje a identidade da mulher não é mais de submissão do homem, seu trabalho é prioridade e a atividade no âmbito doméstica passa a encantar cada vez

menos as novas gerações, a função de dona-de-casa não confere prestígio social, nem promessa de felicidade, pelo contrário, muitas vezes é motivo de sentimento de desocupada e inútil, sentem-se culpada por não conseguir atender às múltiplas funções diárias, como trabalho, estudo, casa e filhos e sobre isso afirma Rocha-Coutinho (2005):

O discurso social modernizante, que exalta igualdade de direitos e deveres entre os sexos, convive lado a lado com antigas disparidades em relação aos papéis sociais de homens e mulheres, algumas das quais muito difíceis de serem erradicadas, reforçadas pelas diferenças biológicas entre os sexos, como é o caso da maternidade (ROCHA COUTINHO, 2005, p. 127).

Na visão de Coutinho a mulher continua com a antiga responsabilidade na criação de seus filhos, cobrando-lhe uma dedicação impossível, levando em consideração que a mulher tem outras atribuições tanto quanto os homens, deixando-a com sentimento de culpa, por ter que dar de conta de várias coisas importantes. De fato, a inserção da mulher no mercado de trabalho modificou a atividade familiar, trazendo a necessidade de analisar as obrigações do homem e da mulher dentro do âmbito familiar, pois a sociedade toma a família como símbolo de referência, sendo fundamental na construção do ser. É compreensível que seja a família a primeira a sofrer modificações, diante de tantas mudanças sócio-culturais pelas quais somos submetidos na atualidade.

É evidente que estamos vivendo apenas a fase inicial das mudanças, com as tentativas de posições e ajustamentos decorrentes à saída da mulher para o mercado de trabalho remunerado. As poucas conquistas não deixam a mulher e o homem por igual, pois as mesmas ainda hoje são reprimidas, por suas opções de trabalho, muitas vezes ganhado inferior a um homem que esteja no mesmo cargo, nas suas escolhas sobre ter ou não filhos, e até mesmo no modo de se vestir, classificando-as como vulgar, levando assim esse o motivo de alto índice de estupro contra mulheres, que mostram o corpo e não se comportam como deveriam, devendo dar-se ao respeito.

No século XIX, a sociedade burguesa inicia a discussão sobre os gêneros. Butler chama atenção ao gênero e diz que o problema está na sua definição, pois se ninguém se preocupasse se é menina ou menino talvez toda essa figura de valores e simbologias que nos são impostos pela sociedade não fariam nenhum sentido. Poderíamos ter mais homens realizando funções que mulheres fazem desde os primórdios sem serem desencorajados por sua família e mulheres realizando

funções que homens fazem sem serem ridicularizadas. O sexo definiu as diferenças entre homem e mulher, já o conceito de gênero refere-se à construção cultural das características masculinas e femininas, fazendo-nos homens e mulheres. Gênero são as construções sociais e culturais da conduta entendida como apropriada aos sexos numa sociedade dada e numa época específica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi inserida em um quadro teórico de estudos interdisciplinares, relacionando-se a obra de Gustave Flaubert e Juan Valera. Tivemos como corpus de análise o filme e romance, *Madame Bovary*, do escritor, roteirista Flaubert, e a obra de Valera. Pretende-se analisar a função da mulher na sociedade daquela época na obra de Flaubert tendo como apoio a obra de Valera além de outros artigos que nos darão subsídios para entendermos as obras dentro do contexto sócio-histórico.

Percebeu-se com esse estudo que a mulher está biologicamente ligada a natureza, por ter o dom natural de introduzir um filho na sociedade, que utiliza de tal condição para determinar a função da mulher na sociedade. Observamos que a mulher era relacionada ao meio doméstico passivo, submissa e socializadora na família, não tendo direito democrático, como trabalhar, votar, estudar e até mesmo poder escolher o que é melhor para si. Enquanto o homem atuava na esfera pública, dedicado ao comércio, tinha poder sobre sua mulher e na sociedade, tinha estudo, escolhia com quem casava, podia praticar o adultério e tinha direitos democráticos na sociedade.

No início do século XX a imagem da mulher como dona de casa, responsável pela felicidade da família e pelo bem-estar dentro do lar, eram mais diretas, motivado por um pensamento extremamente machista da sociedade, pois a mulher deveria obedecer, prioritariamente, as vontades do homem e as necessidades do lar. Contudo, com a evolução da mulher na sociedade esse protótipo passou a ser abordado de forma mais sutil nas últimas décadas. Com uma sociedade mais liberal a mulher continua sendo responsável pelo lar, mas sem descuidar de si mesma e de sua carreira profissional.

Atualmente, a mulher conquistou vários espaços dentro da sociedade, tanto na esfera privada como pública, contudo ainda existe um grande caminho a percorrer para que tenha plena igualdade com homens tanto na vida social, política, econômica e cultural, neste sentido é necessária um estudo mais aprofundado para acompanhar as mudanças do papel da mulher na sociedade

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira. **Ideologia e feminismo: a luta pelo voto no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.

ALVES, P. Kant e o feminismo. In: FERREIRA, M. L. R. **O que pensam os filósofos sobre as mulheres**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1988

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

CECHIM, Liliane (e outros autores). **Emma Bovary e Luísa: duas facetas do adultério na estética realista**. Idéias: revista do curso de Letras – UFSM. (Sem ano).

FERREIRA, Joaquim. **História da Literatura Portuguesa**. Editorial Domingos Barreira Porto, quarta edição. 1971.

FLAUBERT, Gustave, **Madame Bovary** 1821-1880 Tradução: Herculano Villas - Boas. 1. Ed.São Paulo: Martin Claret, 2015.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GUSTAVO, Adolfo Bécquer; **Rimas y Leyendas**, Madrid: Espasa Calpe, 2005. ISBN: 84-239-7403-0 (Edición de Francisco López Estrada y M^a Teresa López García-Berdoy)

LLANAS RODRÍGUEZ, LUIS. (2011). **Movimientos literarios: el Romanticismo**. Monografía digital. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos99/realismo-y-romanticismo-como-movimientos-literarios/realismo-y-romanticismo-como-movimientos-literarios.shtml#ixzz4NTHiXuGc> acesso: 05/09/2016

MASSAUD, Moisés. **A Literatura Portuguesa**. Editora Cultrix, sétima edição. São Paulo, 1969.

MARISTANY, Jaime. **Hablemos de la mujer**. – 1º ed.- Buenos Aires: El Ateneo. 2000.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História, Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINTO, V. C. **Identidade feminina, família e profissão: a experiência de ser mulher na contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado defendida em março de 2005, na Universidade católica de Pernambuco: Recife, 2005.

ROCHA, Coutinho, M. L. (2005). **Variações sobre um antigo tema: a maternidade para as mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida**. In T. Fêres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 122-137). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola

VALERA, Juan. (1886): **Pepita Jiménez** – «Prólogo de la edición de 1886». New York–Appleton. En: Adolfo Sotelo Vázquez (ed.). Barcelona: PPU, 1989.